

“Perguntando caminhamos”

Notas de leitura sobre o livro *“Mandar obedecendo”*: as lições políticas do neozapatismo mexicano, de Carlos Antonio Aguirre Rojas.

Iuri Santos Faria de Barros

Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP).

“Estamos dizendo que política não serve? Não, o que queremos dizer é que essa política não serve. E não serve porque não toma conta do povo, não o escuta, faz pouco caso, apenas se aproxima dele quando há eleições (...) [por isso] vamos tratar de construir ou reconstruir outra forma de fazer política”.

CCRI – EZLN. Sexta Declaração da Selva Lancadona, junho de 2005¹.

“Olhemos em silêncio, aprendamos a ouvir, talvez depois, finalmente, sejamos capazes de compreender”², afirmou certa vez o célebre escritor José Saramago acerca das diversas lições que o movimento neozapatista lega diariamente à humanidade, desde seu levante armado em 1º de janeiro de

¹ CCRI – EZLN. Sexta Declaração da Selva Lancadona, junho de 2005, apud ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *“Mandar obedecendo”*: as lições políticas do neozapatismo mexicano. Tradução coletivo Casa de Taipa. Porto Alegre: Deriva, 2012, p. 39.

² SARAMAGO, José. Chiapas, nome de dor e esperança. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de jun. 1998. Mundo, p.25-27.

1994, no estado de Chiapas, o mais pobre de um México também pobre. A experiência neozapatista, fruto do encontro da sabedoria e resistência indígena com um pequeno grupo de ativistas formados no rico ambiente de renovação do marxismo e de toda a esquerda mexicana, resultante do movimento estudantil-popular mexicano atuante nas lutas de 1968, lançou um sopro de esperança e rejuvenescimento aos comprometidos com um mundo mais justo, partilhando exemplos e condutas práticas preciosas para todo o espectro de movimentos sociais antissistêmicos. Estas experiências são extraídas de sua busca por uma construção diária de um *mundo novo e muy outro*, não capitalista, constituído *desde baixo e à esquerda*.

Ao humilde exercício da escuta e do aprendizado frente a tais lições compartilhadas pelo movimento chiapaneco é a que se presta o livro do historiador mexicano Carlos Antonio Aguirre Rojas “*Mandar obedecendo*”: *as lições políticas do neozapatismo mexicano*. Sua obra, longe de almejar o teor frio e distanciado esperado pela teoria tradicional, apresenta um olhar comprometido e apaixonado para com seu objeto de estudo. Seu objetivo é claro e está presente desde o título de sua obra: apontar as lições políticas úteis para se construir, a partir do presente, a superação de um capitalismo já inserido em sua etapa terminal³.

Para isso, o livro se divide em dois grandes eixos: por um lado, a apresentação e fundamentação das práticas neozapatistas e, por outro, a inserção deste movimento como resultante e tributário de diversas outras lutas de momentos históricos diferentes. Em outras palavras, o movimento neozapatista é fruto de processos políticos e sociais com temporalidades distintas. Observemos, então, cada um desses eixos, começando pelo segundo.

³ Aguirre Rojas entende a etapa atual do modo de produção capitalista como sua fase *terminal*, partindo das ideias defendidas por Immanuel Wallerstein em obras como *Depois do Liberalismo* e *A crise estrutural do capitalismo*. Para mais informações sobre essa interpretação do historiador mexicano, consultar ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. *Para compreender el siglo XXI*. Ed. El Viejo Topo, Barcelona, 2005.

1. Uma resultante de múltiplos tempos e múltiplas lutas.

Aguirre Rojas caracteriza o neozapatismo mexicano como herdeiro de movimentos de resistência de longa, média e curta duração. Tais movimentos remontam desde a resistência à colonização protagonizada pelos indígenas a partir da conquista da América pela Europa iniciada em 1492, como também a movimentos de cunho anticapitalista existentes no século XIX, por exemplo a comuna de Paris, passando pelas lutas sociais do século XX, notadamente as presentes no marcante ano de 1968, ano em que, segundo o autor, as lutas políticas são revolucionadas por completo em todo o mundo.

Em 1968, há um rompimento com a forma tradicional de se fazer política, baseada na “estratégia dos dois passos”, na qual primeiro se pensa a tomada do poder para, posteriormente, promover as mudanças tão necessárias e desejadas no âmbito social e político. Segundo Aguirre Rojas, esse rompimento do modo de se fazer política caracteriza-se pela “reatualização de seu objetivo geral, ou seja, *o objetivo radical de ‘mudar o mundo’*, mas que também renova vigorosamente a exigência profunda da imprescindibilidade de começar a construir, imediatamente, os espaços e as figuras *alternativas* à ordem social capitalista” tentando edificar “*outras lógicas não capitalistas nos nossos espaços, relações, organizações e práticas mais cotidianas e concretas*”, tratando, com isso, de “começar a tarefa de ‘mudar o mundo’ aqui e agora”⁴.

No âmbito mexicano, o movimento neozapatista também finca suas raízes no ano de 1974. Partindo do clima criado em todo o México pelo movimento de 1968, reuniu-se, na cidade de San Cristobal de Las Casas, o *Congresso Nacional Indígena*, no qual os indígenas do estado de Chiapas puderam discutir livremente suas demandas, além de dividirem as diferentes experiências de resistência de diversos povos da região, sendo, portanto, um importante passo para a unificação política do movimento indígena chiapaneco. Em seguida, o ano de 1983 é outro marco, pois é quando chegam a Chiapas alguns militantes do grupo *Força de Libertação Nacional* para fazer um trabalho

⁴ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. “*Mandar obedecendo*”: as lições políticas do neozapatismo mexicano. Tradução coletivo Casa de Taipa. Porto Alegre: Deriva, 2012, p. 68 (grifos do autor).

político com os indígenas da região, criando com isso um vínculo entre o grupo e a população campesina e indígena deste local. Deste ano data a origem do atual movimento da *EZLN* (Exército Zapatista de Libertação Nacional).

Por último, há, também, uma tentativa do historiador mexicano de inserir esse movimento em um grande elo de outras lutas contemporâneas, como o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST), no caso brasileiro, os piqueteiros argentinos, relacionando-o também à resistência indígena presente em muitos países latino-americanos, como, por exemplo, a protagonizada pela *CONAIE* (Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador) no Equador, assim como outros exemplos possíveis de serem encontrados em países como Guatemala, Peru e Bolívia. As raízes neozapatistas estão, também, no presente. Seu compromisso é solidário com todas essas lutas, não à toa, na *Sexta Declaração da Selva Lacandona* está escrito: “Irmãos e irmãs, esta é nossa palavra que declaramos: no mundo vamos imanarmos mais com as lutas de resistência contra o neoliberalismo e pela humanidade. E vamos apoiar, ainda que seja um pouco, essas lutas. E vamos, com respeito mútuo, intercambiar experiências, histórias, ideias e sonhos”⁵.

O neozapatismo mexicano é, portanto, resultado deste amalgama oriundo da resistência indígena de longa duração (que subcutaneamente tentou trazer consigo, ao longo desses cinco séculos, suas cosmovisões e sabedorias tradicionais, sua forma de lidar com a natureza e a terra, resistindo inclusive ao apagamento completo de suas culturas frente à dominação europeia e sua tendência totalizante e homogeneizante) com uma parcela da esquerda mexicana renovada pelos debates promovidos pelos levantes de 1968. Desse encontro surgiu o que Aguirre Rojas definirá como uma *modernidade de resistência*, um metabolismo desses dois mundos que se reverterá em uma verdadeira tentativa de construção diária da superação do modo de produção capitalista e suas conseqüentes perversões.

⁵ CCRI – EZLN. Sexta Declaração da Selva Lacandona, junho de 2005. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2005/06/30/sexta-declaracao-da-selva-lacandona/>> acessado em 12/08/2018.

2. “Perguntando caminhamos”: Aguirre Rojas e as lições políticas do neozapatismo mexicano.

Outra tarefa a que se propõe o livro de Aguirre Rojas é a reflexão propriamente dita sobre as muitas lições que, segundo o autor, são de uma preciosidade ímpar para se pensar a construção das lutas sociais e políticas em todo o espectro da esquerda. Partindo da análise do que foi o *Primeiro Encontro dos Povos Zapatistas com os Povos do Mundo*, realizado entre 30 de dezembro de 2006 a 2 de janeiro de 2007, e a troca de diferentes experiências que lá aconteceram, o autor busca refletir em âmbitos políticos, sociais e filosóficos o teor de tais lições partilhadas pelo movimento chiapaneco.

Iniciando sua reflexão sobre o que seria o oximoro zapatista presente na linha estruturante de seu caminhar político, a ideia de “mandar obedecendo”, o historiador mexicano dá seguimento a uma explanação sobre como, de uma maneira muito simples, esse princípio subverte por completo e renova a forma de se fazer política. Dando poder completo à assembleia popular (que opera pela *lógica e o tempo lento das decisões por consenso*), sendo as posições de comando não remuneradas, voluntárias e rotativas, nas quais apenas se executa aquilo que foi decidido em assembleia, prestando-se contas aos demais recorrentemente, o que se percebe é que “o povo, a maioria, ‘manda’ sobre si mesmo, pelo simples intermédio de um pequeno grupo que operacionaliza e que dá curso prático a esses mandados coletivos e majoritários dos grupos e classes subalternas de todo o povo”, revolucionando-se com isso “a função do mando, despossuindo-a de todo o caráter despótico, discriminatório, autoritário, imperativo e urgente, para convertê-la em uma simples e elementar instrumentalização e posta em prática nas grandes decisões coletivas e nas distintas soluções definidas por todo o povo”⁶.

Tais formas de *autodisciplinamento* e *autogoverno* das comunidades remontam, como já dito anteriormente, a outros momentos históricos e experiências políticas, que foram absorvidas e ressignificadas, não de forma acrítica e irrefletida. Experiências como as existentes na Comuna de Paris, nos soviets russos, nos conselhos operários italianos, na Revolução Cultural

⁶ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *op. cit.* p. 26.

Chinesa, assim como as lições de pensadores como Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Paulo Freire, entre muitos outros, ressoam nas propostas zapatistas.

Essa *outra política*, radicalmente diversa da política institucional burguesa, passa evidentemente por uma noção de *outro governo* baseado no autogoverno popular, movido e edificado pelo povo, gerando um *contrapoder* e uma noção de autonomia que visa ser uma *autonomia global*, solidária e comprometida aos explorados de todo mundo, restituindo a “capacidade para decidir, soberanamente e de modo livre e voluntário, as figuras desejadas da própria sociabilidade por parte dos sujeitos sociais subalternos, e com isso, os modos específicos de concreção da sua própria vida”⁷. O que se percebe é uma tentativa de reabsorver a política, dissolvendo-a e substituindo-a por um novo protagonismo e ação direta de seus atores. Há uma intenção evidente de se apresentar uma saída possível a cada vez mais evidente *crise global da política*, além de buscar uma alternativa ao que o autor chama de “lógica quase militar que governou a construção das organizações de esquerda prévias à revolução cultural mundial de 1968”⁸.

Diante disso, o que propõe o movimento zapatista é a difícil tarefa da *escuta* e da *reconstrução*, conscientes da necessidade das urgentes mudanças individuais e coletivas fundamentais para se estruturar um mundo mais justo, partindo do princípio de sempre se “*perguntarem*” para poderem “*caminhar*”, ouvindo uns aos outros e pensando coletivamente suas demandas, expondo as contradições do processo e refletindo sobre elas.

A partir deste diálogo interno, o neozapatismo mexicano busca *concretamente* promover criar alicerces de um mundo *muy outro*. Promovem *outro comércio*, criando medidas práticas para atuar e funcionar no interior do espaço capitalista dominante, mas sem cair em sua lógica global e sem subordinar-se a ele. Da mesma forma, buscam edificar *outra cultura*, partindo do resgate e revalorização do seu profundo saber popular e a reafirmação de seu ser indígena, e *outra educação* que discuta coletivamente o que deve ser

⁷ Idem. p. 21.

⁸ Idem. p. 91.

valorizado e ensinado aos vindouros, partindo sempre do princípio de não hierarquizar ou desqualificar os saberes, ligando-os à valorização de sua vida e seu mundo.

Por outro lado, há também a promoção de uma *outra saúde*, que utiliza o milenar conhecimento indígena sobre a natureza e o corpo, mas também recorre, caso necessário, ao conhecimento promovido pelo avanço da medicina e da ciência. Esta saúde só se faz possível, por sua vez, com *outra alimentação* que parta da sua *outra economia*, integrada com o ambiente, em harmonia com a *Madre Tierra*, e não pervertida pela lógica da indústria e seus venenos, construindo *outro manejo da terra e do território*. Para isso, os zapatistas contam, além, é claro, dos saberes indígenas, com a ajuda e solidariedade de profissionais da área de engenharia que contribuem tanto com uma tecnologia de ponta quanto com seus saberes técnicos.

No âmbito das relações interpessoais, mostram a profunda preocupação com a construção de uma *outra família*, *outro direito* e *outras relações de gênero*, tão importantes para superar as diversas dominações de cunho horizontal que o capitalismo promove. E suas propostas nessas esferas são riquíssimas e fruto de um longo debate e aprendizado frente às diversas tentativas de soluções para essas questões preexistentes ao longo da história.

Só reconhecendo a *importância* e a *necessidade* de tais mudanças estruturais de cunho individual e coletivo, pode-se sonhar com “um mundo onde caibam muitos mundos”, um mundo no qual “reine a pluralidade, o respeito ao outro, a igualdade entre todos, as relações não assimétricas, o exercício dialógico multicultural, o reconhecimento das diferenças e a verdadeira fraternidade. Mundo que neste sentido é forçosa e obrigatoriamente um mundo *não* capitalista e também um mundo sem exploração, sem injustiça, sem desigualdade nem discriminação de nenhum tipo”⁹.

3. Considerações finais.

Essas e muitas outras foram as lições políticas divididas pelos zapatistas nas diversas mesas do *Primeiro Encontro dos Povos Zapatistas com os Povos*

⁹ Idem. p. 168.

do Mundo, as quais Aguirre Rojas buscou documentar em seu livro, para que, de alguma forma, não se percam e circulem. Com sua linguagem clara e envolvente, apaixonada pelo seu objeto de estudo, o leitor é tomado pela curiosidade, pelo convite à reflexão e, quiçá, pela esperança.

Embora algumas críticas pontuais a certos posicionamentos ou julgamentos do historiador possam, ora ou outra, ser possíveis, não há quem leia o livro *“Mandar obedecendo”*: as lições políticas do neozapatismo mexicano e, caso comprometido com a importância de se alterar a atual ordem global das coisas, não se sinta, de alguma forma, tocado.

Com sua obra, o historiador mexicano, utilizando de seu ofício, propaga no tempo e no espaço as contribuições neozapatistas e a chama acesa de Chiapas, que nos ilumina e mantém viva a possibilidade de se construir espaços “que constituem germes de um mundo novo não capitalista, com exemplos práticos e demonstrativos de que outro mundo ainda é possível”¹⁰.

Referência bibliográfica

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *“Mandar obedecendo”*: as lições políticas do neozapatismo mexicano. Tradução coletivo Casa de Taipa. Porto Alegre: Deriva, 2012.

¹⁰ Idem. p. 22.